

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA E O CONCEITO DE TERRITÓRIO EM FRIEDRICH RATZEL<sup>1</sup>

*Alexandre Domingues Ribas<sup>2</sup>*

*Eliseu Savério Sposito<sup>3</sup>*

*Luciano Z. P. Candiotto<sup>4</sup>*

*Marcos Aurélio Saquet<sup>5</sup>*

*Roseli Alves dos Santos<sup>6</sup>*

*Resumo: O presente texto tem, como objetivo principal, apresentar uma leitura, mesmo que parcial, para se refletir e discutir o conceito de território na obra de Friedrich Ratzel, considerando o método subjacente e a contextualização de seu pensamento.*

*Palavras-chave: território, Ratzel, método.*

*Abstract: This article is aimed, firstly, to present a reading, as partial as it is, to reflect and debate the concept of territory on Friedrich Ratzel's work. We consider also the understood method and the contextualization of his thought.*

*Key-words: territory, Ratzel, method.*

## 1. Apresentação

Embora haja uma tendência em vários estudos geográficos da atualidade em compreender a perda ou o re-ordenamento do território em virtude do movimento de mundialização e globalização da economia, acreditamos que há necessidade de se efetivar uma abordagem geográfica da territorialização e do território em relação aos processos socioespaciais. Antes de mais nada, como alertara Haesbaert (2002), o entendimento da noção de território antecede a interpretação da des-

<sup>1</sup> Este texto é resultado das discussões quinzenais que temos feito, em Francisco Beltrão, no GETER.

Também, do trabalho que efetivamos com o prof. Eliseu Sposito, membro do referido grupo de estudos.

<sup>2</sup> Prof. Ms. da UNIOESTE - Francisco Beltrão, colegiado de Geografia. Membro do Grupo de Estudos Territoriais (GETER). E-mail: rribasalex4@hotmail.com

<sup>3</sup> Prof. Dr. da UNESP - Presidente Prudente, departamento de Geografia. Membro do GETER e coordenador do GA5PERR. E-mail: sposito@prudent.com.br

<sup>4</sup> Prof. Ms. da UNIOESTE - Francisco Beltrão, colegiado de Geografia. Membro do GETER. E-mail: lcandiotto@unioeste.br

<sup>5</sup> Prof. Dr. da UNIOESTE - Francisco Beltrão, colegiado de Geografia. Coordenador do GETER. E-mail: saquetmarcos@hotmail.com

<sup>6</sup> Profa. Ms. da UNIOESTE - Francisco Beltrão, colegiado de Geografia. Membro do GETER. E-mail: roseli@netconta.com.br

territorialização. É preciso compreender o território (e a territorialização) para se entender o não-território (e a des-territorialização). Isso significa que a análise do processo de construção histórica de um conceito a partir da epistemologia de uma ciência é fundamental para a compreensão da dinâmica social contemporânea.

Desse modo, julgamos relevante iniciar nossa reflexão sobre o território buscando elementos em algumas obras de Friedrich Ratzel (1990 e 1990a), pois sua produção significou, em linhas gerais: a) uma continuidade no processo de sistematização da Geografia Científica ou Moderna, ou seja, sua abordagem teórico-metodológica buscava organizar o temário geográfico a partir dos contornos e necessidades do discurso científico; b) introduziu, com um certo pioneirismo, o método positivista em estudos geográficos e, c) inaugurou a reflexão sobre o homem a partir da abordagem geográfica, utilizando, como um dos componentes de sua argumentação, o conceito de território<sup>7</sup>.

De acordo com Moraes (1990), Friedrich Ratzel nasceu em Karlsruhe, Alemanha, em 30 de agosto de 1844 e morreu em 9 de agosto de 1904, em Ammerlander. Entre alguns fatos importantes de sua vida podemos destacar sua participação, enquanto oficial do exército alemão, na guerra franco-prussiana. Ratzel teve, em sua trajetória acadêmico-científica, uma formação naturalista, estudando geologia, na Universidade de Jena com Haeckel e na Universidade de Munique com Zittel. Realizou diversas viagens a partir da segunda metade do século XIX, passando pelo sul da Itália, pelos Alpes, pela Transilvânia, pelos Estados Unidos e México. Foi, sem dúvida, esse arsenal empírico oriundo de suas observações sistemáticas efetuadas em seus trajetos que lhe permitiu a construção de sua abordagem geográfica. As principais obras de Ratzel são as seguintes: *Antropogeografia* (cuja primeira versão foi publicada em 1882 e o segundo volume em 1891), *As Raças Humanas* (seus três volumes foram publicados entre 1885 e 1888) e *Geografia Política*, publicada em 1897. Outros ensaios teóricos importantes do pensador prussiano foram publicados no *Année Sociologique* e no *Annales de Géographie*.

Antes de adentrarmos nos aspectos que constituem os estudos geográficos de Ratzel, torna-se necessário evidenciarmos o contexto histórico em que este produziu suas obras. A Geografia, enquanto ciência autônoma, emerge na Alemanha no século XIX, em virtude da particularidade do desenvolvimento e consolidação das relações capita-

<sup>7</sup> Mais detalhes ver Moraes (1990).

listas de produção naquele país e ao seu singular ordenamento territorial. Evidentemente, a gênese da Geografia moderna também esteve ligada ao ideário acadêmico e político daquele período e lugar.

Ratzel, dando continuidade a essa organização do território geográfico a partir dos preceitos do discurso científico, vivenciou (e incorporou ideologicamente) a constituição do Estado alemão em sua fase imperialista. Obviamente que seria um equívoco reduzir todo pensamento ratzeliano à sua vinculação com os propósitos bismarckianos. Entretanto, alguns componentes de sua abordagem geográfica evidenciam sua tentativa de justificar o imperialismo alemão.

Além desse contexto político-ideológico, pode-se afirmar que Ratzel vivenciou, também, os delineamentos/desdobramentos do processo de institucionalização e compartimentação da ciência.

Das bases lançadas, ainda no século XVII, pelo cogito cartesiano e pelo utilitarismo baconiano, ao apogeu corporativo proporcionado pelos fatos dos anos oitocentos, em que a profissionalização dos fazedores de ciência e os limites rígidos das fronteiras disciplinares se consolidaram, ou se estabeleceram, fortaleceu-se um princípio de simplificação que assentado sobre os mencionados alicerces, disjuntivo-redutores, indicaram o caminho tomado hegemônico no universo dos conhecimentos e dos saberes científicos. (Carvalho, 1999, p.2).

Porém, mesmo que Ratzel tenha vivenciado esse momento de fragmentação das ciências a partir de seus objetos singulares, *insularizando-as* da sociedade e da subjetividade do investigador (Carvalho, 1999), sua proposta teórica expressa uma tentativa, mesmo que limitada devido a sua orientação metodológica, de compreensão geral dos fenômenos geográficos, defendendo uma visão indissociável entre os elementos naturais e os elementos humanos. Por isso, a necessidade de re-visitar algumas de suas obras fundamentais.

## 2. As referências científicas e filosóficas de Ratzel e sua concepção de Geografia

As principais referências filosóficas e científicas de Ratzel foram: Karl Ritter (fundamentalmente a partir de sua Geografia Comparada),

Herder, Spencer, Darwin, Haeckel, Lamarck, Auguste Comte e Forster.

Ratzel é um pensador cuja obra foi produzida exatadamente na Alemanha desse período, fim do século XIX e início do século XX. Tanto em sua formação, como em sua obra incorporou os diversos fundamentos e horizontes epistemológicos que na época se debatiam. Formou-se como naturalista, atraído, como tantos outros, pelo fascínio do evolucionismo darwinista que empolgou a ciência nas últimas décadas dos anos oitocentos, mas, suas principais obras descendem da pena de um pensador que, convertido às humanidades, dedicou-se a investigação dos processos civilizatórios e das relações entre a história das populações e a história da própria Terra, ou entre os fatos culturais e os telúricos. (Carvalho, 1999, p.4).

Esta citação é relevante para nossos propósitos, pois a obra de Ratzel deve ser compreendida como uma tentativa de consolidar uma "leitura" científica dos fenômenos geográficos (tanto os históricos como os naturais), ou seja, sua formação naturalista serve como base metodológica para o estudo dos processos civilizatórios em sua perspectiva topológica/locacional. Raffestin (1993) ratifica nossa apreciação quando afirma que Ratzel *está num ponto de convergência* entre os pensamentos naturalista e sociológico. "O quadro conceitual de Ratzel é muito amplo e tão naturalista quanto sociológico (...)" (p.12).

Essa busca metodológica que traduzisse a indissociabilidade entre os fenômenos históricos e naturais nos permite afirmar que a concepção de Geografia ratzeliana, fundada em sua visão telúrica (*funcionamento* da terra), parte, especialmente, das obras de Herder e Ritter. Segundo o próprio autor "o delineamento geral da ciência antropogeográfica e também alguns de seus conceitos fundamentais encontram-se já em Herder, e aparecem também em Ritter (...)". (Ratzel, 1990, p.45).

A utilização de alguns aspectos do pensamento de Herder justifica-se, segundo o próprio Ratzel, porque este se preocupou, em suas obras, com a história *completa* da humanidade, edificando uma *ampla* análise sobre a relação do homem com as condições naturais. O próprio Ratzel afirma que:

J.G. Herder tem um papel importante na geografia

do homem por ter passado das considerações particulares sobre os povos à consideração geral sobre a humanidade, das observações incidentais a uma abordagem completa, de uma história universal fragmentária à verdadeira e própria história da humanidade. Da dependência do homem e de sua história das condições naturais, Herder tratou, se não com maior profundidade, pelo menos com uma visão mais ampla que qualquer outro antes dele. (Ratzel, 1990, p.40).

Já no tocante a Ritter, Ratzel utilizou, principalmente, seus estudos sobre os elementos que reforçam a relação entre a Geografia e a História e suas análises voltadas ao entendimento da relação entre as condições ambientais/naturais e o desenvolvimento dos povos, pois Ratzel estava fundamentalmente preocupado em compreender, na sua Geografia do Homem, as influências da natureza na vida do homem, a partir de uma visão *hologéica* (visão abraçadora de toda a Terra). O pensador alemão, ao analisar a obra de Ritter, afirmou que este teve "(...) o mérito de haver reforçado o laço insolúvel que liga a geografia à história, reconhecendo a importância geográfica dos problemas que constituem o terreno comum às duas ciências, e abrindo assim um amplíssimo campo de estudo à geografia". (Ratzel, 1990, p.46).

É importante destacar que Ratzel não incorporou as reflexões e procedimentos de Herder e Ritter em sua totalidade, pois reconhecia limitações teórico-metodológicas nas abordagens desses autores. Ao tratar do pensamento de Herder, Ratzel afirma: "Mas, para chegar ao conhecimento da história da humanidade, Herder não indicou o caminho certo. Ele falou da humanidade mas não considerou os povos como parte desta; tratou a humanidade e os povos mais como artista do que como cientista" (Ratzel, 1990, p.41). Quando analisa o pensamento de Ritter, o pensador prussiano afirma: "O pensamento de Ritter acerca da importância do solo em relação à história contém muitos conceitos 'mecânicos', que não recebem, contudo, em nenhum aspecto, uma abordagem clara" (Ratzel, 1990, p.48).

Após essa análise sobre as principais referências científicas e filosóficas do pensamento ratzeliano, torna-se necessário um maior detalhamento sobre seu projeto teórico e, por conseguinte, sua concepção de Geografia. Ratzel compreende, num primeiro momento, que a Geografia deve estudar a superfície da Terra considerando a vida humana e

as vidas vegetal e animal de forma indissociável. Segundo o próprio Ratzel: “Descrever os movimentos da humanidade sobre a Terra e formular-lhes as leis, esse é o objeto da antropogeografia” (apud Gomes, 2000, p.85). Assim, a pesquisa de Ratzel:

(...) foi conduzida dentro de um espírito de objetividade, utilizando as categorias gerais da biologia da época e recorrendo à História como terreno de verificação das ciências sociais. A análise de Ratzel descrevia vários gêneros de dinâmicas territoriais, tentando traçar um quadro geral ou um modelo para essas dinâmicas. Ele se interessava sobretudo pela relação solo/cultura e pensava ser capaz de estabelecer leis regulares explicativas, isto é, seu objetivo final era construir uma teoria espacial positiva. (Gomes, 2000, p.185).

É importante destacar que, para Ratzel, a Geografia era parte de uma *rede explicativa*, ou seja, seu projeto teórico consistia em propor uma explicação global da humanidade (estava preocupado com a definição de leis gerais), relacionando os estudos geográficos, históricos e etnográficos/antropológicos. Também destaca-se a sua preocupação com a sistematização científica da Geografia, utilizando conceitos como extensão, posição, configuração e território. Nesse sentido, o propósito da Antropogeografia de Ratzel era:

(...) estudar os povos em relação às condições naturais às quais eles estão sujeitos, isto é, considerá-los sempre *unicamente sobre seu território*. (...) Assim ela considera o incremento e a decadência dos povos pela sua expansão territorial. (...) Vê-se portanto como a extensão, a posição e a configuração dos territórios fornecem os elementos para avaliar a vida dos povos aos quais estes pertencem. (Ratzel, 1990, p.102).

A questão central para o autor era o entendimento da difusão dos povos na superfície terrestre, ou seja, os processos civilizatórios em suas dimensões históricas e geográficas (o geográfico entendido com as condições físicas-ambientais-espaciais). Caberia ao estudo geográfico a explicação da relação entre a mobilidade e/ou permanência dos povos e as condições locais (do ambiente). A idéia de conexão é basilar no

pensamento ratzeliano, pois, como já afirmamos, seu projeto teórico estava para além da singularidade do objeto geográfico. Ele buscava um *conhecimento maior* que articulasse diversas abordagens:

Dessa maneira, estabelece-se uma espécie de vínculo natural entre elas, na medida em que, a despeito do tema tratado (geografia política, etnografia, distribuição geográfica das sociedades humanas ou características ambientais das diversas regiões do planeta), o objetivo é argumentar e demonstrar as conexões existentes entre todas as coisas presentes na Terra. (Carvalho, 1999, p.5).

É interessante enfatizar que, quando Ratzel trata de conexões dos diversos fenômenos ou organismos, ele considera, inevitavelmente, que essas conexões possuem um componente espacial e essa seria a singularidade da abordagem geográfica no estudo da distribuição dos povos na superfície terrestre. Compreende o espaço como palco: "(...) não se pode esquecer que todo acontecimento se faz no espaço, e por isso toda história possui seu teatro" (Ratzel, 1990, p.90).

Cabe enfatizar, no pensamento ratzeliano, a abordagem telúrica/hologéica, ou seja, a tentativa de uma análise indissociável dos fatos humanos na história da Terra. Tenta avançar em relação aos estudos reducionistas de alguns positivistas de sua época, fazendo críticas à fragmentação do conhecimento em algumas ciências. Por isso, argumenta em favor da compreensão da Terra como um *todo indivisível*.

A nossa ciência deve estudar a Terra *ligada* como está *ao homem* e, portanto, não pode separar este estudo do da vida humana, tampouco do da vida vegetal e animal. As mútuas relações existentes entre a terra e a vida, que sobre aquela se produz e se desenvolve, constitui precisamente o nexo entre uma e outra e, portanto, devem ser particularmente examinadas. (Ratzel, 1990, p.32).

Essa visão ou critério hologéico seria a grande riqueza do estudo antropogeográfico, pois garantiria uma visão integradora dos fenômenos, em contraposição a fragmentação da ciência, consolidada no século XIX.

Ao mesmo tempo, Ratzel divide a Geografia em Biogeografia, Geografia Física e Antropogeografia. A Biogeografia se diferenciaria da perspectiva biologista de Haeckel, pois além de considerar o componente espacial destacava a forte influência das ações antrópicas na transformação da *fisionomia da vida na terra*. Dessa forma, Ratzel propõe a Biogeografia Universal, que não exclui a Antropogeografia, pois entendia que as vidas animal, vegetal e humana eram interdependentes. Ao mesmo tempo, a Antropogeografia estava voltada para o entendimento dos seguintes aspectos: a) a influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade; b) a difusão dos povos na superfície terrestre; c) a formação dos territórios.

Esses níveis escalares do objeto antropogeográfico evidenciam a proposta ratzeliana, isto é, ele parte do pressuposto que as condições naturais exercem influências no homem. Essas influências explicariam, entre outras coisas, os processos civilizatórios, ou seja, a ordenação espacial dos povos na superfície da Terra. Essa distribuição dos povos na superfície terrestre estaria vinculada com o território.

No que diz respeito às influências que a natureza exerce sobre a vida do homem, Ratzel (1990) evidencia quatro formas: a) de ordem fisiológica e psicológica (atuando sobre o *corpo* e sobre o *espírito*); b) vinculada ao direcionamento da expansão dos povos; c) pautada no favorecimento ao isolamento ou à miscigenação entre os povos e, d) baseada na relação entre a natureza (disponibilidade de recursos naturais) e o desenvolvimento dos povos. As três últimas, para o autor, têm uma vinculação estreita com a Geografia, influenciando no *destino da humanidade*.

Essa questão também é importante pois, de certa forma, desmistifica o invólucro determinista simplista atribuído a Ratzel (tão difundido vulgarmente no meio acadêmico brasileiro). O próprio autor nega o determinismo simplista, afirmando que a influência da natureza sobre a vida humana é mediatizada por questões econômicas e sociais. Tanto é, que propõe uma Geografia do Homem<sup>8</sup>.

### 3. Elementos do método na Antropogeografia de Ratzel

Em linhas gerais, Friedrich Ratzel fundamenta sua análise geográfica nos pressupostos metodológicos e filosóficos positivistas. Seu

<sup>8</sup> Maiores detalhes, ver Ratzel (1990) e Carvalho (1999). Uma leitura descontextualizada pode levar a um reducionismo e a simplificação das ideias e pressupostos de Ratzel.

método estava centrado na indução: observação, descrição, comparação e classificação, compreendendo a *Antropogeografia* como uma *ciência comparada* (Ratzel, 1990). A ciência geográfica, na acepção ratzeliana, é uma ciência empírica e de síntese.

Essa vinculação da proposta teórica de Ratzel com o positivismo merece um maior detalhamento. O positivismo, enquanto proposição teórico-metodológica e um dos principais pilares da abordagem científica na Geografia, consolidou-se basicamente com o pensamento dos *enciclopedistas*, mais especificamente com o pensamento de Condorcet, pois este "(...) foi talvez o primeiro a formular de maneira mais precisa a idéia de que a ciência da sociedade, nas suas várias formas, deve tomar o caráter de uma matemática social, ser objeto de estudo matemático, numérico, preciso, rigoroso" (Löwy, 1995, p.37).

Obviamente que desde a Antigüidade, alguns componentes que posteriormente deram forma ao positivismo já estavam esboçados, principalmente com o *empiricismo*. Porém, a base sólida desse método filosófico consolidou-se com o pensamento de Bacon. Hume e Hobbes. Mas foi, sem dúvida, a partir do *Iluminismo*, no século XVIII, que a tentativa de compreender cientificamente os fatos sociais, tendo como base o método das ciências naturais, ganhou maturidade e notoriedade.

É interessante notar que as bases positivistas emergiram com uma conotação "revolucionária", pois essa busca de explicação científica dos fenômenos humanos evidenciava uma ruptura com as explicações centradas na especulação metafísica e na autoridade religiosa, elementos opostos aos princípios iluministas (Löwy, 1995).

Saint-Simon deu continuidade a esse processo, sendo este o primeiro a usar o termo *positivo* aplicado à ciência. Para este autor a ciência da sociedade deveria ser compreendida a partir do modelo biológico. Foi Auguste Comte, que entre 1817 e 1824 foi secretário de Saint-Simon, quem solidificou as bases filosóficas positivistas. Porém, Comte "emprestou" a essa proposição metodológica um caráter eminentemente conservador, atribuindo-lhe uma rígida oposição a qualquer tipo de negatividade ou ruptura.

Com Auguste Comte a unidade do método científico assume contornos mais cristalizados, pois para ele "a física social é uma ciência que tem por objeto o estudo dos fenômenos sociais, considerados no mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e biológicos" (apud Löwy, 1995, p.39).

Durkheim também contribuiu para a solidificação da proposição

positivista, fundamentalmente a partir da perspectiva sociológica. Foi um defensor da unidade metodológica e da neutralidade/objetividade do cientista social. Max Weber, que segundo Löwy (1995) não pode ser considerado como um positivista em sua totalidade, entendia que os juízos de valor eram fundamentais no início da investigação científica, rompendo, de certa forma, com os preceitos positivistas. Entretanto, para Weber, na pesquisa empírica e na análise dos resultados da pesquisa, o pesquisador deveria se “despir” de qualquer juízo de valor, para garantir a objetividade científica necessária à explicação do fato social.

Essa descrição sumária da estruturação do positivismo objetiva evidenciar alguns componentes de seu processo de construção histórica. Os princípios do positivismo podem ser sistematizados da seguinte forma: a) compreensão de que a sociedade é regulada/regida por leis naturais, invariáveis e independentes da ação ou vontade humana; b) não diferenciam qualitativamente os fenômenos naturais dos sociais e defendem a unidade metodológica, ou seja, há o reconhecimento do método das ciências naturais como o único válido para garantir a objetividade científica; c) como as leis que regem os fenômenos naturais e as leis que regem os fenômenos sociais são uníssonas, o estudioso dos fatos sociais deve manter a mesma objetividade/neutralidade científica típica das ciências naturais; d) redução da realidade ao mundo dos sentidos, ou seja, o conhecimento científico só deve erigir-se a partir dos fenômenos observáveis, isto é, da dimensão aparente/epidérmica da realidade (Löwy, 1995).

Desse modo, podemos notar uma identificação do pensamento ratzeliano com os fundamentos dessa proposição teórico-metodológica. Ratzel, em suas obras, objetiva produzir, estabelecer leis gerais nos estudos geográficos, ou seja, o autor parte do pressuposto que é possível estabelecer leis regulares no entendimento dos fenômenos sociais. Isso revela que o pensador prussiano visava consolidar a abordagem geográfica a partir do regramento do discurso ou do método científico. Esse cientificismo para o estudo geográfico, Ratzel buscou no ideário positivista, partindo do pressuposto de que uma análise fundamentada cientificamente deveria ter como fonte as ciências mais desenvolvidas até então: as ciências naturais. “Somente a ciência natural progride como ciência investigadora de leis (...)” (Ratzel, 1990, p.34).

Essa observação revela também um paradoxo na perspectiva ratzeliana, pois o autor, ao construir sua “questão” geográfica (a análise das relações entre natureza e cultura) utiliza como referencial Herder e

Ritter, ou seja, pensadores com tendências filosóficas que apresentavam traços do romantismo do século XIX. Assim, a dúvida geográfica, num primeiro momento, expressa-se, na acepção de Ratzel, como uma dúvida filosófica. Porém, quando Ratzel vai consolidar sua proposta de Geografia, utiliza como referencial o cientificismo positivista.

A proposta metodológica do pensador prussiano, como já mencionamos, pauta-se na indução, valorizando a observação, a classificação, a descrição e a comparação. O próprio entendimento da Geografia como uma ciência empírica e de síntese revela a vinculação do autor com o afã classificatório positivista. A redução da Geografia à descrição também evidencia o limite da análise ratzeliana aos fatos observáveis, ou melhor, à aparência dos fenômenos. O próprio Ratzel afirma: "Assim como toda a geografia, também a geografia do homem é principalmente uma ciência descritiva" (Ratzel, 1990, p.94).

Porém, o traço mais marcante que revela a vinculação ratzeliana aos contornos do método positivista pauta-se na defesa da unidade metodológica. Para fundamentar essa análise, utilizamos o próprio Ratzel: "A geografia do homem tem em comum com as ciências naturais o método científico, ela ordena sua matéria do mesmo modo que estas, com base em classificações, e chega às suas conclusões pela via das comparações" (Ratzel, 1990, p.101). Desse modo, o autor organiza seu pensamento e trabalha com procedimentos específicos para coleta e tratamento de dados geográficos. Essa proposição motivou vários pensadores a tecerem críticas com relação à argumentação metodológica ratzeliana, especialmente a partir dos anos 1980, na Ciência Geográfica.

É importante destacar, aqui, que não é nosso objetivo produzir uma visão simplista/reducionista da proposta ratzeliana. Demonstramos que em suas obras alguns elementos da proposição positivista estão evidentes. Esta *visão de mundo*, sem dúvida, está intrinsecamente relacionada com a abordagem geográfica proposta por Ratzel e vice-versa. Para se ter uma idéia da impossibilidade de classificar Ratzel em uma abordagem metodológica, Carvalho (1999) chega a afirmar que o fundador da Antropogeografia realizou, em sua produção científica, uma passagem do positivismo para o historicismo. Sucintamente, o método científico de Ratzel não permite compreender a unidade na diversidade nem a reciprocidade das relações existentes entre o homem (sociedade) e sua natureza inorgânica.

Seguindo a abordagem teórico-metodológica de Ratzel, destacaremos o conceito de território, que se apresenta como um componente

fundamental na sua Geografia, consubstanciada em sua perspectiva *hologéica* e nas influências das condições naturais na vida do homem.

#### 4. O território em Ratzel

A preocupação de Ratzel com o conceito de território, justifica-se, evidentemente, pelo próprio objeto de estudo da Antropogeografia. Como ressaltamos anteriormente, a necessidade de entender a formação de territórios está vinculada à sua compreensão das relações/influências das condições naturais nos processos civilizatórios.

Pode-se, portanto aceitar como regra que uma grande parte dos progressos da civilização são obtidos mediante um desfrute mais perspicaz das condições naturais, e que neste sentido esses progressos estabelecem uma relação mais estreita entre povo e território. Pode-se dizer ainda, em um sentido mais geral, que a civilização traz consigo o fortalecimento de uma ligação mais íntima entre a comunidade e o solo que a recebe (Ratzel, 1990, p.72).

As condições naturais são fundamentais ao *povo* [entendido por Ratzel sem classes sociais, sem lutas, conflitos e contradições internas, como já mencionara Souza (1995)], especialmente o *solo* que adquire, no decorrer de sua argumentação, um caráter integrador. Ratzel, pelos pressupostos filosóficos adotados faz, no nosso entendimento, uma espécie de naturalização do povo e do território.

Concordamos com Haesbaert (1997) e Souza (1995) quando afirmam que Ratzel (principalmente na Geografia Política), dá uma importância central ao território na solidez do Estado e que este faz uma abordagem *naturalizada* do território, ligado ao Estado-Nação. O solo é o elemento fundamental do Estado e sua unidade, condicionando, entre outros fatores, o *crecimento espacial dos Estados*. Vale a pena chamar a atenção, mais uma vez, para o caráter ideológico evidente no discurso e na Geografia ratzeliana, que em alguns momentos justifica o expansionismo do Estado alemão.

"A territorialidade do Estado-nação (...), onde afetividade e identificação (...) possuem enorme dimensão telúrica (...), é naturalizada por Ratzel também na medida em que este não discute o conceito de território, desvinculando-o do seu enraizamento quase perene nos atributos do solo pátrio" (Souza, 1995, p.86). Não há, de fato, nos textos de Ratzel

estudados, uma preocupação com a definição do conceito de território. Ora aparece como sinônimo de ambiente, ora como solo, ora como Estado-Nação. O território é trabalhado como um elemento fundamental à constituição e expansão do Estado-Nação.

Para Ratzel (1990a), o Estado está intimamente ligado à população/habitantes e à uma área delimitada. Os habitantes vivem no solo, *apegados*, retirando dele seu sustento e formando o Estado. Este, mantém relações com o território, crescendo espacialmente ou não. O *crescimento espacial dos Estados* está ligado ao *crescimento dos povos* e, por isso, à questões culturais (religiosas...) e econômicas (comércio). Estes processos antecedem a expansão e domínio político de uma determinada área/território. “O alargamento do horizonte geográfico, através de todas essas expansões apolíticas, deve preceder o crescimento político (...)” (Ratzel, 1990a, p.182).

O território é compreendido como Estado-Nação, a partir do momento em que há uma organização social para sua defesa. Assim, o Estado e o território têm limites e fronteiras maleáveis. Há *expedições de conquista* de Estados, ultrapassando as fronteiras pré-estabelecidas: “A fronteira segue o mesmo desenvolvimento da área, da consolidação e da continuidade do Estado” (Idem, p.185). O território, portanto, é entendido como substrato para a efetivação da vida humana, sinônimo de solo/terra e outras condições naturais, fundamentais a todos os povos, *selvagens e civilizados* (sob domínio do Estado). Em Ratzel, a ocupação de novas áreas tem uma relação direta com a dependência existente entre o homem e o território. A guerra toma, assim, um caráter natural e necessário para conquista de novos territórios na história humana.

O território aparece como palco: “(...) características naturais dos territórios que foram palco das grandes guerras (...)” (Ratzel, 1990, p.70). O território, para Ratzel, é palco e substrato da dinâmica social, ou seja, é algo físico e palpável sustentando a sobrevivência de povos no planeta (*espaço vital*).

Em sua argumentação, a sociedade corresponde ao povo ou ao homem e, a natureza, ao território ou aos recursos naturais. O território aparece enquanto solo em algumas passagens de sua obra. Porém, não apenas como solo. Ratzel entende o território como recursos naturais, incluindo também a água e o clima. “(...) um povo permanece sobre um determinado território; (...) exame das propriedades do solo, da água, do clima, do território correspondente” (Idem, p.58).

Para Ratzel, as relações entre sociedade e território são determi-

nadas pelas necessidades de habitação e alimentação. A sociedade enraiza-se no território e esta relação influencia a natureza do Estado. Como a sociedade está enraizada no território, quase sem modificá-lo, há necessidade de conquista de novos espaços, de espaços desocupados, vitais ao desenvolvimento dos povos civilizados<sup>9</sup>.

A questão do *enraizamento*, ao nosso ver, é uma contribuição fundamental de Ratzel, no seu tempo, para a compreensão do território. Conforme Raffestin (1993), o enraizamento foi o elemento fundamental à formação do Estado-Nação, e este, foi o elemento central da Geografia Política de Ratzel. Embora, acreditamos, que Ratzel não tenha trabalhado coerentemente a questão da apropriação e do domínio na constituição do território. Defende, sim, a mudança de fronteiras e limites, através de suas *leis do crescimento espacial dos Estados*. Haesbaert (2001) denomina Ratzel como o *mais tradicional dos intérpretes* do território e ratifica, mais uma vez, nossa leitura deste pensador prussiano, quando afirma que este usa o solo, várias vezes, como sinônimo de território.

Ratzel faz uma tentativa de avançar na abordagem do homem (povo) ligado ao solo/ambiente, sinalizando para além da (Geo)política através de elementos da cultura (religião) e da economia (comércio), porém, em virtude de sua proposta teórico-metodológica, não consegue abarcar coerentemente estas três dimensões ao tratar do território. Por isso, faz uma abordagem a serviço do Estado alemão de sua época.

Ou seja, o território antecede ao domínio do Estado: “a sociedade que consideramos, seja grande ou pequena, desejará sempre manter sobretudo a posse do território sobre o qual e graças ao qual ela vive. Quando esta sociedade se organiza com esse objetivo ela se transforma em Estado” (Ratzel, 1990, p.76).

O Estado *protege* o território apropriado: “(...) a sociedade que usa o território para ter moradia e alimento, e o Estado, que garante através da força coletiva a proteção deste” (p.79). Aqui fica claro que o território corresponde ao ambiente físico existindo sem o domínio da sociedade. Para Ratzel (1990 e 1990a), o território existe sem a presença do homem, desocupado (apolítico) ou com a presença deste e com o domínio do Estado (político). “(...) A geografia do homem (...) deverá *descrever e representar cartograficamente aqueles territórios onde se nota a presença do homem, separando a parte da terra que é por ele habitada (...), daquelas que não o são*” (Ratzel, 1990, p.83). O Estado

<sup>9</sup> “Um povo decai quando sofre perdas territoriais” (Ratzel, 1990, p.74).

domina e modifica o território, *base* da atividade política do homem.

Sucintamente, Ratzel não supera a visão naturalista de território, aquela herança das ciências naturais, como a biologia, apesar do esforço em produzir uma Geografia das relações e de trabalhar a inter-relação entre diferentes ciências. Compreende o território como uma parcela do espaço, delimitada, com ou sem a presença do homem; com ou sem modificações provocadas pelos povos e com ou sem a presença e domínio do Estado.

De modo geral, embora tenha proposto uma série de conceitos, não há, nas obras de Ratzel analisadas por nós, uma preocupação em defini-los, pois usa diferentes conceitos invariavelmente com significados correlatos. Portanto, concluímos que Ratzel não tem uma preocupação com a definição clara do conceito de território.

#### Bibliografia:

- CARVALHO, Marcos Bernardino de. Geografia e complexidade. *Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*. Universidade de Barcelona, n. 34, 1999.
- GOMES, Paulo César. Geografia e modernidade. RJ: Bertrand Brasil, 2000.
- HAESBAERT, Rogério. Des-territorialização e identidade – a rede “gaúcha” no Nordeste. RJ: EdUFF, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, Roberto L. *Religião, identidade e território*. RJ: EdUERJ, 2001. p.115-144.
- HAESBAERT, Rogério. *Concepções de território para entender a desterritorialização*. RJ: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFF, 2002.
- LÖWY, M. *Ideologia e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MORAES, Antonio. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Ratzel*. SP: Ática, 1990. p.7-30.
- MORAES, Antonio. *A gênese da Geografia Moderna*. SP: HUCITEC, 1989.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do poder*. SP: Ática, 1993.
- RATZEL, Friedrich. Geografia do homem (Antropogeografia). In: MORAES, Antonio Carlos. *Ratzel*. SP: Ática, 1990. p. 32-107.
- RATZEL, Friedrich. As leis do crescimento espacial dos estados. In: MORAES, Antonio Carlos. *Ratzel*. SP: Ática, 1990a. p. 175-192.

- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia nova*. SP: Hucitec, 1995.
- SODRÉ, Nelson W. *Introdução à Geografia. Geografia e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná e outros (org.). *Geografia: conceitos e temas*. RJ: Bertrand Brasil, 1995. p.77-116.